

NARRATIVAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL NA AMAZÔNIA: CORDÃO JUNINO COMO FERRAMENTA DE INTERVENÇÃO

NARRATIVES OF SEXUAL VIOLENCE IN THE AMAZON: JUNE CORD AS AN INTERVENTION TOOL



MARLÉA DE NAZARÉ SOBRINHO COSTA⁵⁷

Resumo

Os Cordões Juninos realizados até a década de 1980 por populares do município de Abaetetuba-PA, figura como uma das principais estratégias de intervenção da Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS), através dos Centros de Referência em Assistência Social (CRAS) nos territórios do município. Técnicos e educadores sociais, além de crianças, adolescentes e seus familiares (usuários da política de assistência social), realizam um trabalho de pesquisa em seus respectivos territórios. Textos teatrais e composições musicais são criados, a partir de um conjunto de temáticas sociais exploradas em reuniões pelos grupos do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). Objetivamente, a temática de maior relevância nos grupos foi o abuso sexual contra crianças e adolescentes, sem perder de vista a preocupação central, que se traduzia pela expectativa de minimização das situações de violência, vulnerabilidade e exclusão social. A investigação é pensada em uma perspectiva interdisciplinar em que são articuladas contribuições de estudiosos das áreas de Serviço Social, Letras, Filosofia, Sociologia e Cultura, tais como Marilda Yamamoto (2006), Alfredo Bosi (2002), Marilena Chauí (2017), entre outros.

Palavras-chave: Assistência Social; resistência; cordão da Arraia; violência sexual.

Abstract

The Cordões Juninos performed until the 1980s by people from the municipality of Abaetetuba-PA, figure as one of the main intervention strategies of the Municipal Department of Social Assistance (SEMAS), through the Reference Centers in Social Assistance (CRAS) in the territories of the County. Technicians and social educators, in addition to children, adolescents and their families (users of the social assistance policy), carry out research work in their respective territories. Theatrical texts and musical compositions are created, based on a set of social themes explored in meetings by groups from the Service for Coexistence and Strengthening of Links (SCFV). Objectively, the most relevant theme in the groups was sexual abuse against children and adolescents, without losing sight of the central concern, which was translated into the expectation of minimizing situations of violence, vulnerability and social exclusion. The investigation is conceived from an interdisciplinary perspective in which contributions from scholars in the areas of Social Work, Literature, Philosophy, Sociology and

⁵⁷ Mestranda em Ciências Sociais e suas Humanidades, do Programa de Pós-Graduação Cidades, Territórios e Identidades (PPGCITI), da Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba.

Culture are articulated, such as Marilda Yamamoto (2006), Alfredo Bosi (2002), Marilena Chauí (2017), among others.

Keywords: Social assistance; resistance; cord of Arraia; sexual violence.

Introdução

Este artigo objetiva evidenciar a importância do trabalho realizado pela Secretaria Municipal de Assistência Social-SEMAS, no Centro de Referência de Assistência Social-CRAS de Beja, através do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos-SCFV, Município de Abaetetuba-PA, utilizando-se da manifestação cultural dos Corões Juninos, como uma das principais estratégias de intervenção nos territórios junto aos usuários da Política de Assistência Social para trabalhar a violência sexual contra crianças e adolescentes.

Nos territórios de Abaetetuba, a Assistência Social está presente por meio de 08 (oito) CRAS, todos são localizados em territórios que apresentam elevado índice de vulnerabilidade social. Os CRAS se encontram dentro da Proteção Social Básica e exige a capacidade de maior aproximação possível do cotidiano da vida das pessoas, pois é nele que riscos e vulnerabilidades se constituem. Suas ações são concretizadas por meio do Programa de Atenção Integral às Famílias (PAIF), do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) e do Serviço de Proteção Social Básica no Domicílio para Pessoas com Deficiência e Idosas.

O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos - SCFV, por meio dos Cordões juninos, trouxe de volta uma manifestação cultural envolvida em outra roupagem, mas apresentando em seu palco “velhos” problemas sociais: a desigualdade social refletida no trabalho infantil, a sociedade machista e preconceituosa afetando violentamente a questão de gênero, enfim, um rol de violações naturalizadas, reflexo significativo de uma sociedade autoritária.

De fato, conservando as marcas da sociedade colonial escravista, a sociedade brasileira é marcada pelo predomínio do espaço privado sobre o público e, tendo o centro na hierarquia familiar, é despótica no sentido etimológico da palavra. É fortemente hierarquizada em todos os seus aspectos: repetindo a forma de família patriarcal, na sociedade brasileira as relações sociais e intersubjetivas são sempre realizadas como relação entre um superior, que manda, e um inferior, que obedece. As diferenças e assimetrias são sempre transformadas em desigualdades que reforçam a relação de mando-obediência. O outro jamais é reconhecido como sujeito, tanto no sentido ético quanto no sentido político, jamais é reconhecido como subjetividade nem como alteridade e muito menos como cidadão (CHAUÍ, 2017, p. 42-43).





A autora refere ao autoritarismo político que se organiza no interior da sociedade como a regra e a expressão das relações sociais. Assim, os espaços de diálogos dos CRAS são espaços de lutas, de reflexões. Com base nesse pensamento, o trabalho executado pelo profissional da Política de Assistência Social possui uma determinada dimensão ética, que tem a ver com valores capazes de operar mudanças que vão permitir novas descobertas e capacidades humanas. Tal postura se trata também da construção de uma visão ampliada acerca do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. Espaços de participação, de tomada de decisões e de compartilhamento de uma sociedade em comum. Um agir que estimula o diálogo, o enfrentamento de situações conflituosas e que possibilite resistir às condições de subordinação. Desta maneira, é possível identificar as características e especificidades dos territórios e, com base nelas, construir formas e meios de assegurar a universalização de seus direitos.

No ano de 2016, o Cordão da Arraia do CRAS de Beja apresentou o tema “Cultura de paz”, temática trabalhada nos grupos do SCFV e levada através dos Cordões para o público. O tema fez referência à complexidade de situações de violência que crianças e adolescentes vivenciam nos territórios. A proposta do cordão foi alertar, por meio da arte, para a necessidade de uma atuação efetiva de enfrentamento ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes.

No referido estudo, será empregado o termo Cordão Junino para se referir a essa manifestação cultural. É possível elucidar o Cordão Junino como uma que agrega vários elementos do folclore amazônico e que está em constante aproximação com o cotidiano. Imaginário e realidade transitam juntos em um espaço composto de uma dramaticidade que se desenrola em torno de uma mesma linha: a morte e a ressurreição do pássaro. Segundo Loureiro, há dois tipos de pássaros: o “cordão”, ou “cordão de meia lua”, e o melodrama fantasia (LOUREIRO, 2015). O primeiro tem como característica a formação de um semicírculo e os personagens ora permanecem no mesmo lugar, ora vão para o centro do palco, de modo que as apresentações podem ocorrer em qualquer espaço e caminhar pelas ruas em forma de cortejo, visitando terreiros para a sua apresentação.

Essa expressão cultural dos Cordões Juninos a ser estudada se encontra, cotidianamente, inserida em um contexto de sociedade e suas contradições, autoritária e excludente. Trata-se de um caminho que, durante séculos, não consegue chegar à essência dos direitos do homem e do cidadão: “O Brasil é uma sociedade autoritária, na medida em que não consegue, até o limiar do século XXI, concretizar sequer os



princípios (velhos dos três séculos) do liberalismo e do republicanismo” (CHAUÍ, 2018, p. 44). Uma sociedade na qual as diferenças sociais se modificam e passam a ser uma relação hierárquica:

Todas as relações tomam forma de dependência, da tutela, da concessão, da autoridade e do favor, fazendo a violência simbólica a regra da vida social e cultural. Violência tanto maior porque invisível sob o clientelismo, considerados naturais e, por vezes, exaltados como qualidades positivas do “caráter nacional” sob o paternalismo (CHAUÍ, 2018, p. 50).

Assim, este trabalho vai examinar alguns aspectos da cultura popular como resistência proposto por Bosi. A perspectiva teórica a qual o autor se refere, apresenta a ideia de que a literatura, e, de maneira geral, a arte, é constituída por um processo de resistência imanente, isto é, configurada na própria linguagem, na própria elaboração estética. Por outro lado, para Bosi a ideia de que a literatura, e, de maneira geral, a arte, é constituída por um processo de resistência imanente, isto é, configurada na própria linguagem, na própria elaboração estética. Nesse sentido, localiza-se em todo fazer artístico realizado, ao longo da história, por um processo de resistência de dimensão ética, assentada em atitudes e pensamentos contraideológicos que estabelecem resistência a ideologias dominantes. Sobre essa segunda dimensão do conceito de resistência, Bosi afirma que seu surgimento está associado ao período imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial, quando artistas passaram a representar os horrores da guerra como forma de fazer denúncia e produzir um efeito reflexivo sobre tal momento.

O autor considera, portanto, que a guerra é o terreno que deu origem ao gênero literatura de resistência, uma literatura eticamente comprometida com a luta contra a opressão e com a necessidade de lembrar os efeitos catastróficos da guerra para que não se repita. Isso significa dizer que, no contexto de sua realização, a resistência é representada por imagens, pelos sons emitidos, pelo tom das vozes, pelas expressões faciais e pelos movimentos dos corpos, pelos gestos diante de uma determinada força opressora e conservadora.

Após o mapeamento territorial feito pelos educadores sociais dos CRAS, os usuários do *SCFV* foram orientados a identificar, nos territórios de abrangência dos centros, os antigos “produtores culturais”. Por meio de conversas, usuários e educadores passaram a conhecer a história dos folguedos⁵⁸.

⁵⁸ Festa de caráter popular e tradicional que traz os costumes ou hábitos de um povo, de uma região. A origem da palavra folguedo: folgar+edo, folgar (livre), fogo (rivalidade) Disponível: <https://www.dicio.com.br/folguedos/> Acesso em: 11 set 2020.



Técnicos e educadores sociais, além de crianças, adolescentes e seus familiares (usuários das políticas de assistência social), realizam um trabalho de pesquisa em seus respectivos territórios. Textos teatrais e composições musicais são criados a partir de um conjunto de temáticas sociais exploradas em reuniões pelos grupos do SCFV. Esse modelo de intervenção visa promover a convivência e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários por meio da valorização da arte e da cultura popular, sem perder de vista a preocupação central, que se traduz pela expectativa de minimização das situações de violência, vulnerabilidade e exclusão social.

São realizadas oficinas formadas por grupos intergeracionais. O técnico de referência do SCFV, educadores sociais e oficinairos que acompanham os grupos semanalmente com diversas tarefas, como pesquisas dos folguedos nos territórios, escolha do tema a ser abordado, ensaios, elaboração das letras e melodias das músicas. Com os dados das pesquisas, os textos passaram por adaptações voltadas à temática social abordada, relacionando-os com os conteúdos trabalhados nos grupos SCFV, no caso do CRAS Beja, a temática em questão foi o abuso e exploração sexual, integrados com outros conteúdos.

A Proteção Social Básica tem a finalidade de prevenir situações de risco por meio do desenvolvimento de potencialidades. Nessa proteção, os vínculos familiares estão fortalecidos, daí a importância de realizar um trabalho sistemático e de cunho preventivo junto a essas famílias para que não ocorra a fragilização ou até mesmo o rompimento desses vínculos. É nesse contexto que estão inseridos os Centros de Referência da Assistência Social- CRAS, unidade pública estatal, de base territorial, que se localiza em áreas de vulnerabilidade. O termo vulnerabilidade passou a ser muito utilizado, expressando diferentes aspectos de interpretação. De acordo com a Política Nacional de Assistência Social- PNAS, a vulnerabilidade se constitui em situações ou ainda em identidades que podem levar à exclusão social dos sujeitos. Estas situações se originam no processo e produção e reprodução de desigualdades sociais nos processos discriminatórios, segregacionais engendrados nas construções sócio-históricas que privilegiam alguns pertencimentos em relação aos outros.

A vulnerabilidade se constitui em situações ou ainda em identidades que podem levar à exclusão social dos sujeitos. Estas situações se originam no processo e produção e reprodução de desigualdades sociais nos processos discriminatórios, segregacionais engendrados nas construções sócio-históricas que privilegiam alguns pertencimentos em relação aos outros (BRASIL, 2004, p. 15).

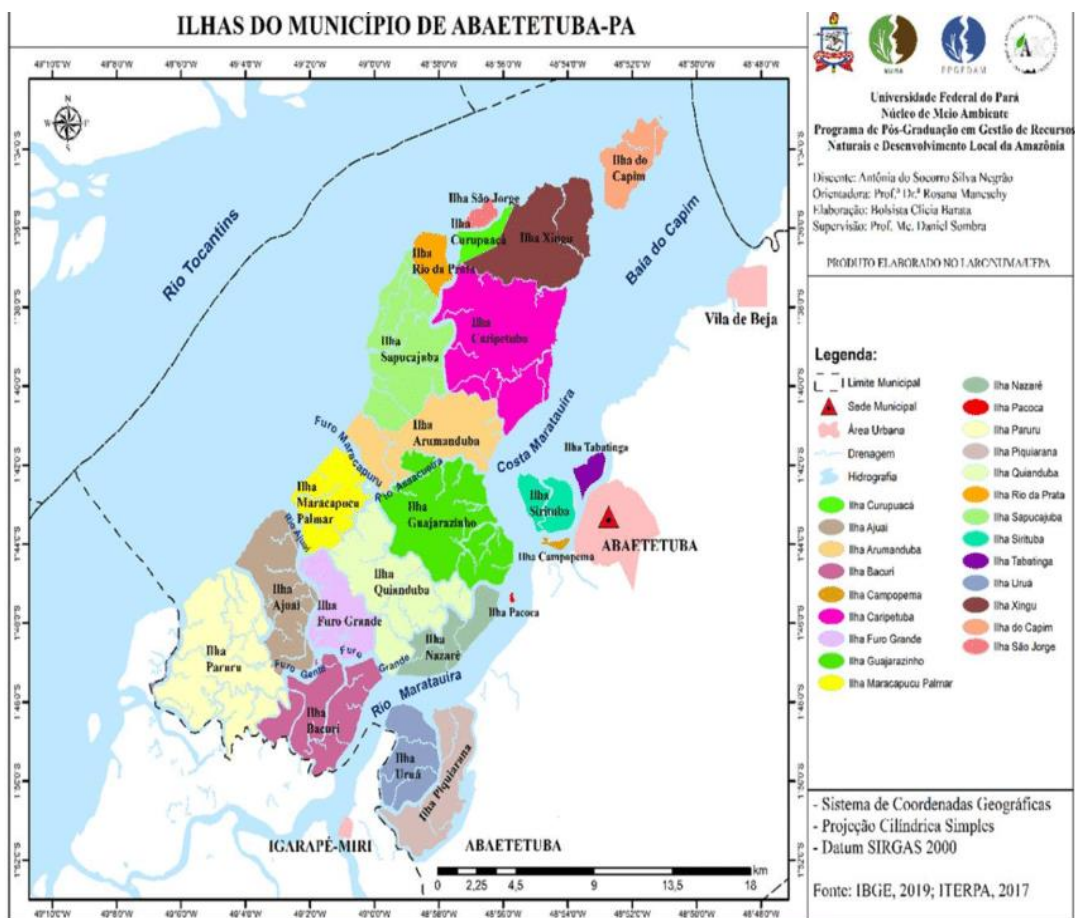


Nos territórios de Abaetetuba, a Assistência Social está presente por meio de 08 (oito) CRAS, todos localizados em territórios que apresentam elevado índice de vulnerabilidade social. Assim, a Proteção Social Básica, exige a capacidade de maior aproximação possível do cotidiano da vida das pessoas, pois é nele que riscos e vulnerabilidades se constituem. Suas ações são concretizadas por meio do Programa de Atenção Integral às Famílias (PAIF), do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) e do Serviço de Proteção Social Básica no Domicílio para Pessoas com Deficiência e Idosas.

Abaetetuba situa-se na Zona fisiográfica Guajarina, à margem do rio Maratauíra, um dos afluentes do estuário do Rio Tocantins, cidade-polo da Região de Integração Tocantins, pertencendo à Microrregião de Cametá e à Mesorregião do Nordeste Paraense, distante a duas horas, por via terrestre, de Belém (capital). O Município é dividido em Zonas Urbana e Rural (Estrada e Ilhas e Vila de Beja). A área urbana é formada por 13 (treze) bairros e a Vila de Beja. A zona rural de Abaetetuba possui 22 (vinte e duas) ilhas, compostas de 72 (setenta e duas) comunidades ribeirinhas distribuídas na região.



Figura 1 – Mapa das ilhas de Abaetetuba.



Fonte: GONÇALVES, Osmana Dias; RODRIGUES, Jondison Cardoso; FILHO, José Sobreiro. “Marés das rebeldias em Abaetetuba”: dos rios da existência à resistência dos territórios na Amazônia paraense, baixo Tocantins. *Rev. Tamoios*, São Gonçalo (RJ), ano 15, n. 1, pág. 80-103, jan-jun 2019.

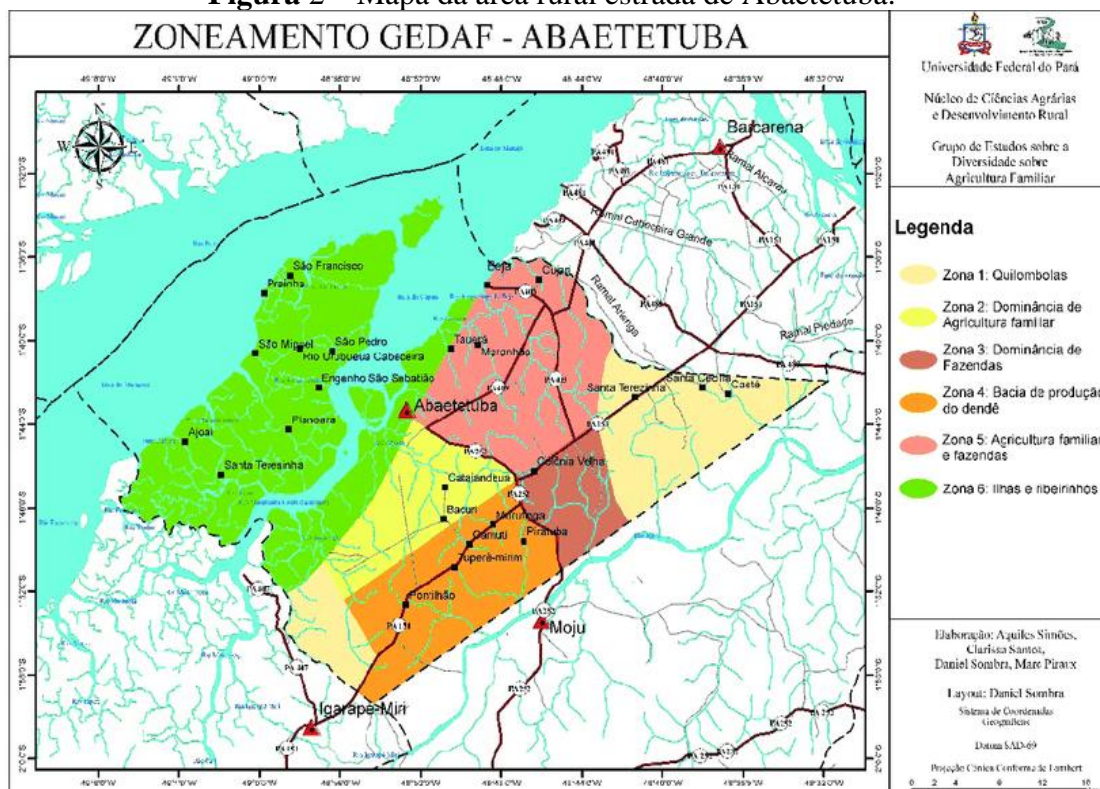
Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/334160803_Mares_das_rebeldias_em_Abaetetuba_dos_rios_da_existencia_a_resistencia_dos_territorios_na_Amazonia_paraense_baixo_Tocantins. Acesso em: 13 jan.

2022.



Figura 2 – Mapa da área rural estrada de Abaetetuba.



Fonte: SOMBRA, Soares Daniel; DAMASCENO, Solange Batista, DE CASTRO, Carlos Jorge Nogueira *et al.* “Produção do espaço agrário e dinâmicas territoriais na Amazônia Tocantina: transporte rural-urbano, agricultura familiar e ambientes em Abaetetuba (PA)”. In: DE OLIVEIRA, Robson José (ed.). **Extensão rural:** práticas e pesquisas para o fortalecimento da agricultura familiar - Volume 1. São Paulo: Científica Digital, 2021. p. 579-600. Disponível em: <https://agritrop.cirad.fr/597480/>. Acesso em: 13 jan. 2022.

O acesso hidroviário é feito através do rio Pará e da Baía do Marapatá; o rodoviário, através das rodovias PA-481, PA-150, PA-151 e PA-252. Atualmente, não conta com aeroporto, sendo utilizados terrenos particulares para pouso de aviões de pequeno porte.

Nessas três realidades distintas, a zona urbana possui maior cobertura das políticas públicas. A zona rural ribeirinha é constituída por ilhas rodeadas por rios, furos e igarapés, onde o rio passa a ter o papel de rua e a natureza, muitas vezes, determina a localização, os dias e os horários⁵⁹ de oferta dos serviços, o que dificulta o acesso às mais diversas políticas públicas. A zona rural estradas é dividida por colônias e por uma vila, com acesso por estradas⁶⁰, caminhos e ramais onde o rio passa a ter o papel de rua

⁵⁹ Marcada por sua especificidade geográfica, na zona rural ilhas os serviços são levados para a localidade através das equipes volantes que integram a equipe do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e tem o objetivo de prestar serviços de assistência social a famílias que residem em locais de difícil acesso (áreas rurais, comunidades indígenas, quilombolas, calhas de rios, assentamentos, dentre outros).

⁶⁰ Abaetetuba possui duas rodovias que fazem ligações a outras localidades do município. Os moradores da região a denominam de estrada. A Pa. 409 liga a cidade à Vila de Beja e a Rod. Dr. João Miranda



e a natureza, muitas vezes, determina a localização, os dias e os horários de oferta dos serviços. Realidades marcadas por um conjunto de contradições sociais que tornam mais complexas as ações de materialização de políticas públicas que possibilitem o acesso do cidadão aos direitos fundamentais, como saúde, educação e assistência social.

Trata-se de uma violência não somente física, mas de uma violência cotidianamente vivenciada e muitas vezes não percebida, ou seja, naturalizada e que ancora as relações de poder. Assim, considerando essas realidades distintas, são avultantes os variados episódios de violência, intensificados pelos bolsões de pobreza e pelo aprofundamento de outras formas de expressão das mazelas sociais. Trata-se de uma violência não somente física, mas de uma violência cotidianamente vivenciada e muitas vezes não percebida, ou seja, naturalizada e que ancora as relações de poder. A exemplo, a falta de acesso aos bens necessários para que se tenha qualidade de vida e a precariedade da oferta de políticas públicas para a população condicionam a construção de identidades violentas. Daí emergem as mais diversas expressões da questão social, como o trabalho infantil, a violência sexual, os atos infracionais. São pessoas vítimas de um sistema e que produzem vítimas. Esse é o público atendido nos CRAS.

O diálogo intergeracional, estimulou nas crianças e nos adolescentes, a valorização e o reconhecimento da manifestação popular dos Cordões Juninos. Nessa construção, os orientadores de arte tiveram um papel fundamental, que foi mediar as situações de produção coletiva, por meio da adaptação de textos criados e coletados e sua articulação com os conteúdos trabalhados no SCFV.

O cordão da arraia do CRAS Beja: violência e resistência

O objeto deste estudo foi o Cordão da Arraia⁶¹ pertencente ao CRAS Beja, localizado na Vila de Beja. Este CRAS faz cobertura a um vasto território compreendido por rios, estradas, ramais e caminhos. A Vila de Beja conta com uma praia de água doce, localizada às margens da Baía do Capim. No mês de julho, a pacata vila se transforma em um “formigueiro humano”, existe uma enorme movimentação de

possibilita o acesso para a saída da cidade em direção a Belém e aos municípios vizinhos Moju e Igarapé Miri. Essas estradas são entrecortadas por outras ramificações que recebem a denominação de ramais e caminhos.

⁶¹ A personagem representativa da arraia se deve ao fato de que, na praia de Beja, costuma ser muito comum o fluxo desse animal marinho. Muitos são os casos de pessoas que são ferradas pela arraia na praia, e esses acontecimentos recorrentes costumam aguçar a imaginação das pessoas, resultando em histórias, músicas e lendas. Inspirado nesses acontecimentos, o CRAS de Beja criou o Cordão da Arraia.

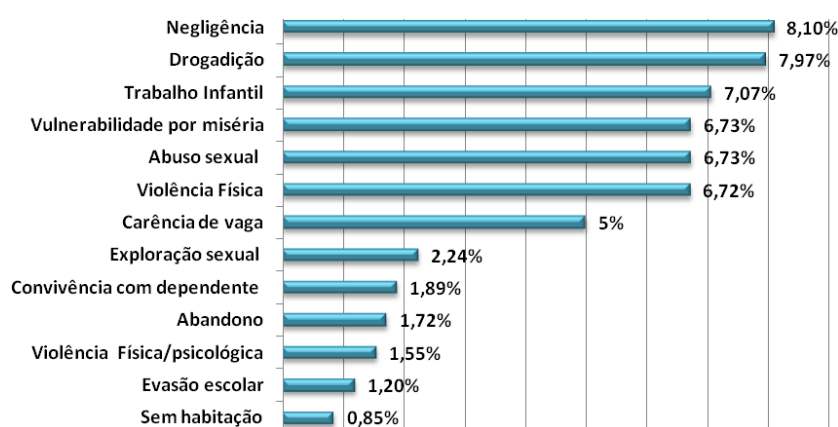


peças que se deslocam do centro e de municípios vizinhos para a Vila, a fim de usufruir das atrações que oferece. Sua localização de fácil acesso possibilita que pessoas oriundas da área urbana, de ilhas e de municípios vizinhos se desloquem para o balneário em busca de diversão. A oferta de entretenimento regrado a muitas festas e bares favorece um ambiente em que crianças e adolescentes fiquem expostos a situações adversas que podem ocasionar consequências negativas para as relações familiares e comunitárias.

Neste capítulo, pretende-se discorrer acerca dessas violações de direitos que cotidianamente crianças e adolescentes vivenciam, reflexo das relações de poder que marginalizam socialmente a população, deixando-a exposta às mais diversas formas de violência.

Segundo o Diagnóstico Social da Criança e do Adolescente de Abaetetuba (2011), existem diversas formas de violações contra esse público e suas famílias. Entre essas expressões da questão social, o abuso e a exploração sexual ganham considerável proporção.

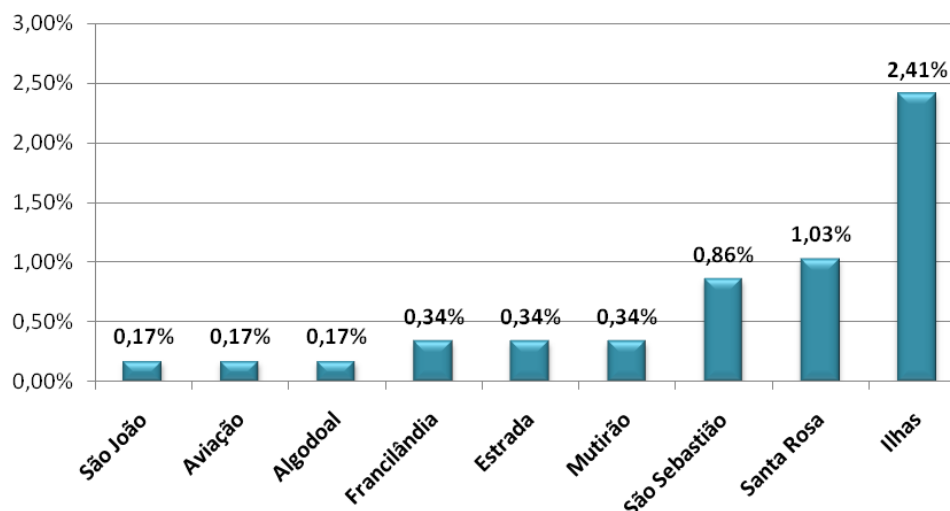
Gráfico 1 – Violações identificadas pelo Conselho Tutelar de Abaetetuba.



Fonte: Diagnóstico Social da Criança e do Adolescente de Abaetetuba (2011).



Gráfico 2 – Violação - abuso e exploração sexual distribuídos por bairros.



Fonte: Diagnóstico Social da Criança e do Adolescente de Abaetetuba (2011).

Dessa forma, para prevenir a ocorrência de situações de vulnerabilidades e riscos sociais nos territórios, o CRAS trabalha numa dimensão sociocultural, através de ações que promovam dinâmicas para o fortalecimento de vínculos e, assim, evitem que essas violações de direitos fragilizem os vínculos familiares e comunitários dos usuários de seus territórios.

No texto abaixo do Cordão da Arraia, os personagens expressam, com muita nitidez, a realidade dos moradores da Vila de Beja. São questões vivenciadas cotidianamente pelos moradores. Embora a cena remeta o espectador ao riso, ela não deixa de ser crítica, pois traduz as contradições da sociedade. O diálogo expresso entre os matutos deixa implícito sérios conflitos de distribuição de renda, abrindo um grande abismo, a desigualdade social.

Deoclenedita Felicidade: Paruca minha mana vumbora. Olha! Nos vai perder este ônibus de Beja. Tu sabe piquena que eu lavei três truxa de rupa, pra arrumar o dinheiro deste passeio.

Deoclenedita Felicidade: Mais Espia! Tu tá vendo aquela turma ali? Tão tudo fumado toxico.

Paruca: Puizé nê, Deoclenedita, essas piquenas tudo nuvinha, nem parece que tem pai e mãe.⁶²

Como se vê no texto teatral escrito acima, faz-se notar um vocabulário e um conjunto de expressões que reforçam o lugar de enunciação do ribeirinho, sua forma peculiar de expressão oral. No ato de representação do texto, isto é, na performance, esse vocabulário e as expressões ganham mais densidade e conseguem materializar de

⁶² Trecho extraído do Cordão da Arraia.



forma mais dinâmica. São agentes sociais que buscam pertencimento, e as identidades são soluções essenciais nesse processo.

Uma das características dos Cordões Juninos é a criatividade que ultrapassa a muralha de realidade, passando a habitar um outro cenário povoado de deuses, fadas, feiticeiras, rios e florestas. As cenas ora estão em um espaço real, no caso do Cordão da Arraia, o local é a vila de Beja; ora ocorrem dentro de uma tribo indígena e aí o espectador se transporta para um mundo próprio de fantasia, abandonando os critérios de realismo, como ressalta Paes Loureiro, o “real e o imaginal” se interpenetram livremente (2015). Para o autor, essa “contemplação devaneante”, própria do homem amazônico, povoa seu cotidiano de deuses e mitos.

Entra a feiticeira dançando e cantando.

Música: sou uma feiticeira, sou linda e traiçoeira.

Meu coração partido está.

Muita maldade vou destilar.

Há, há, há.

A tribo Ibitinga vou acabar.

Há, há, há.

Feiticeira: Eu preciso acabar com a tribo Ibitinga. Ai então o meu amor vingado vai estar, quando numa arraia me transformei, mas forte eu fiquei. Mas agora o encanto acabou e a arraia nas águas da tribo se alastrou. Mas mesmo assim vou me vingar de todos que quiseram me prejudicar. Há, há, há.⁶³

Essa criação vai se dar em meio a um mundo já construído. Tal mundo construído é o da violência, da exclusão, das violações, diferente do mundo sonhado. Assim, no percurso do Cordão da Arraia, “há dois mundos entrelaçados: o visível e o imaginal – que, na cultura amazônica em geral, estão imbricados numa convivência cotidiana e explicativa do mundo” (LOUREIRO, 2015, p. 198). As simbologias que constituem os *Cordões* são, segundo o autor, deflagradoras de divergências e conciliações.

Nesse dualismo de convivência entre o real e o imaginário, o *Cordão da Arraia* traz também para a cena o abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes. O objetivo é alertar sobre as práticas sexuais desumanas que são concebidas como aceitáveis pela sociedade. Sabe-se que as drogas e a violência sexual não são exclusivas da camada com menor poder aquisitivo da sociedade, porém não resta dúvida de que é esse o público que está mais exposto às vulnerabilidades sociais.

⁶³ Trecho extraído do Cordão da Arraia.



Acerca da banalização do estupro no Brasil data-se desde o início de sua colonização, “mulheres indígenas e negras, além de serem consideradas produtoras de riqueza, (...) serviam a seus proprietários como instrumento de prazer e gozo” (SCHWARCZ, 2019, p. 190). A realidade do assédio sexual e do estupro não é exclusiva desse período, ela permanece até os dias atuais e é muito recorrente nos territórios da cidade de Abaetetuba,

Esses índices por demais elevados reforça a ideia de que a única maneira de enfrentar a violência de gênero é atuar com políticas públicas estruturadas que envolvam diversas dimensões, como o trabalho, a família, a saúde, a renda, a igualdade racial e de oportunidades. A educação da população, nesse sentido, é também um passo importante, na medida em que a partir dela se podem evitar comportamentos “misóginos” - de ódio, desprezo ou preconceito contra as mulheres, independentemente da faixa etária, raça ou religião (SCHWARCZ, 2016, p. 186).

A autora ressalta, ainda, que, segundo dados do Ipea, 88% das vítimas de assédio são do sexo feminino e 70% são crianças e adolescentes.

Em Abaetetuba, essa realidade está expressa através dos muitos casos de abuso sexual vivenciados por crianças e adolescentes. Segundo o Plano Decenal dos Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes de Abaetetuba (2015), entre 2012 e 2014, foram atendidos no Centro de Referência de Assistência Social-CREAS 306 (trezentas e seis) crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. A violência mais frequente foi o abuso sexual, ficando da seguinte forma: no ano de 2012 foram 72 (setenta e duas) vítimas sendo 15 (quinze) do sexo masculino e 57 (cinquenta e sete) do sexo feminino. No ano de 2013 foram 10 (dez) do sexo masculino e 34 (trinta e quatro) do sexo feminino e finalmente no ano de 2014 totalizaram 29 (vinte e nove) vítimas, sendo 12 (doze) masculinos e 17 (dezessete) feminino. Nota-se em ambas a questão de gênero presente na violação, sendo as do sexo feminino as maiores vítimas.

O levantamento realizado pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública aponta que ao menos 30.553 (trinta mil, quinhentas e cinquenta e três) meninas de até 13 (treze) anos foram estupradas no ano de 2021, de acordo com o levantamento incluindo meninas e meninos da mesma faixa etária, são 35.735 (trinta e cinco mil, setecentos e trinta e cinco) registro de violência sexual em um ano. Para os crimes de estupro em geral, houve aumento de 4,2% em relação a 2020. Crianças e adolescentes de até 13 (treze) anos, incluído gênero feminino e masculino, representam 61,3% do total de vítimas. É importante enfatizar que em 2020, o índice foi de 60,6% e em 2019, de 57,9%.



No Cordão da Arraia do CRAS de Beja, o abuso sexual vem representado pelo personagem do boto. Para Aquésia Maciel Góes, em seu estudo intitulado “Boto Cor-de-Rosa: uma narrativa sobre gênero, raça e violência”, o boto é compreendido como representação de uma violência escamoteada, silenciada e simbólica. Para a autora, as comunidades ribeirinhas, para se enquadrarem nos conceitos ditos civilizatórios, comportamentais, moralistas pautados na diferença de gênero e raça do ocidente, tiveram que fazer adaptações das narrativas para justificar uma relação sexual antes do casamento, podendo ou não ocasionar uma gravidez indesejada, um filho com paternidade desconhecida, um estupro.

Entende-se, que a lenda do boto é transmitida, de geração para geração, numa diversidade de narrativas que não se desvincula da relação da mulher subjugada pelo homem. Um padrão de hierarquia que a deixa numa condição de inferiorização, propiciando, dessa forma, uma atmosfera favorável para as relações de violência.

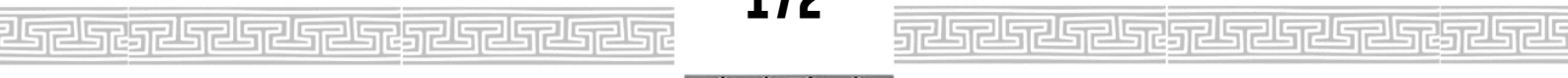
Imagem 1 – Cena da chegada do boto no *Cordão da Arraia* do CRAS de Beja.



Fonte: Acervo fotográfico da SEMAS.

A imagem do boto é a reprodução de um imaginário social que elabora um personagem com características que não condizem com as dos homens ribeirinhos. Ele se apresenta na figura de um homem branco, com belas vestimentas de muito bom gosto, que seduz a mulher.

Contudo se observa na imagem acima que o boto do Cordão da Arraia rompe com esse estereótipo e traz para a cena o boto com aspectos do homem ribeirinho. Ele se apresenta chegando numa canoa, transporte utilizado pelos moradores das ilhas, usa





chapéu de palha. Em outra imagem, em seguida, é possível notar que o personagem do boto está descalço.

Assim, a proposta do trabalho do CRAS é justamente desconstruir, nesse caso, trata-se da desconstrução do padrão de beleza imposto na sociedade e em alguns casos, absorvido em determinadas narrativas.

Imagem 2 – Cena do boto com a arraia do *Cordão da Arraia* do CRAS Beja.



Fonte: Arquivo fotográfico da SEMAS.

No texto abaixo, do *Cordão da Arraia*, observam-se padrões legitimados socialmente acerca dessa condição de submissão da mulher, muito bem colocado por Aquésia Góes. O texto traz uma mulher desprotegida, frágil, incapaz de resistir aos encantos do homem. Além de já deixar sinalizado que, após o envolvimento, ele vai abandoná-la.

(Entra o boto cantando e dançando)

Moça bonita tome cuidado/ porque quando eu aparecer /você não irá resistir /sou lindo e conquistador e te darei todo meu amor/mas não debes se apaixonar/aqui não posso ficar / moro no fundo do mar.

Refrão: sou boto peixe da maré, viro homem pra conquistar mulher/depois que eu conquistar pro mar irei retornar.

Boto: Porque me chamas? Já sentiu minha falta?

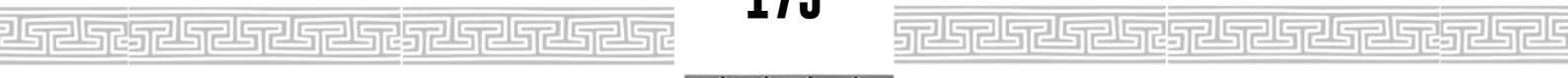
Feiticeira: Há, há, há. Você se acha mesmo? Mas comigo boto seu charme não vai colar, pois sei que vens do fundo do mar e peixe ira se tornar.

Boto: Diga o que queres linda arraia só não vai me ferrar, a dor é muito forte que faz agonizar.

Feiticeira: Não me chames desse nome desprezível, odeio arraia. Mas agora escute que vou falar debes as crianças e os adolescentes aliciar.

Boto: tudo bem minha linda vou te ajudar⁶⁴.

⁶⁴ Texto extraído do *Cordão da Arraia* do CRAS Beja.





O Cordão da Arraia do CRAS de Beja traz a personificação do boto na figura de um belo rapaz, vestido de branco, que se destaca pela destreza na dança e seduz as moças nos territórios. Nos territórios das águas, como é chamada a região das ilhas de Abaetetuba, ainda se utiliza da lenda do boto para justificar a gravidez na adolescência, o adultério, o estupro, a pedofilia e o incesto, cenas cotidianas de subjugação da mulher ribeirinha às mais diversas formas de violência.

Considerações finais

Tratar de questões sociais e suas diversas expressões demandam estratégias de intervenção que impulsionem um processo de mudança junto aos usuários da Política de Assistência Social. Assim, pesquisar e conhecer a realidade torna-se condição essencial para a ação transformadora proposta pelo CRAS.

Certamente, o trabalho realizado pelo CRAS, desde a criação, os planejamentos das ações, a organização e os atos de resistência, trouxe um caráter inovador ao trabalho social com os usuários da Política de Assistência Social. Utilizar uma manifestação cultural, que se encontrava esquecida no município de Abaetetuba, como prática motivadora de intervenção social no trabalho dos CRAS foi, sem dúvida alguma, um desafio. Isso tudo comprova que as atividades realizadas em grupos para promover a integração, a troca de experiências entre os participantes e a valorização do sentido de vida coletiva foram um ponto de partida para o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários e do enfrentamento à violência sexual a que estão submetidas crianças e adolescentes.

Outro importante aspecto que aponta novos caminhos investigativos acerca dos Cordões Juninos é a territorialidade. O território como espaço de convivência entre as pessoas, as quais possuem atitudes diferenciadas e convivem com as suas mais diversas formas de poder que se materializam no cotidiano e determinam práticas distintas entre os agentes sociais que participam dos Cordões Juninos, mas possuem interesses comuns. Como observa Milton Santos, “o território não é apenas um conjunto de sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas; o território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade” (SANTOS, 2007, p. 14). Assim, cada agente social tem a capacidade de realizar resultados para o alcance de seus interesses.

Portanto observou-se, neste estudo, que os Cordões Juninos produzem território com hierarquias internas, com disputas e conflitos. O poder pode ser traduzido e



representado em vários contextos. É relevante dizer que essa manifestação cultural possui um criador e, nessa relação com os demais componentes do Cordão, constroem-se práticas formativas de relação de dominação determinadas na forma como a territorialidade é produzida.

Por fim, que essa prática exitosa se utilizando da arte para tratar da violência, representa uma grande guinada na história da política de assistência social no município de Abaetetuba. Contudo, isto não significa que as transformações ocorrem em sua totalidade. Produz-se diariamente fugazes, porém, importantes lampejos intermitentes de esperança, a exemplo do que propõe Didi-Huberman no estudo *Sobrevivência dos vaga-lumes*:

Os vaga-lumes, depende apenas de nós não vê-los desaparecerem. Ora, para isso, nós mesmos devemos assumir a liberdade do movimento, a retirada que não seja fechamento sobre si, a força diagonal, a faculdade de fazer aparecer parcelas de humanidade, o desejo indestrutível (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 154).

Os vaga-lumes podem ser entendidos aqui como as várias formas de resistência da equipe de trabalho da SEMAS, da performance dos usuários dos CRAS nas apresentações dos Cordões Juninos, das famílias atendidas nos serviços socioassistenciais, que diariamente se defrontam com luzes ofuscantes do poder.

Data de Submissão: 10/10/2022

Data de Aceite: 14/11/2022

Referências

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. *In*: BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 118-135.

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira, culturas brasileiras. *In*: BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 308-345.

BRASIL. Ministério do desenvolvimento social e combate à fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. Política Nacional de Assistência Social (PNAS/2004). Brasília, 2005.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. Tipificação nacional de serviços socioassistenciais. Brasília, 2014.

CHAUÍ, Marilena. Sobre a violência. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017 (Escritos de Marilena Chauí; v. 5).



CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

GÓES, Agúesia Maciel. **Boto cor-de-rosa: uma narrativa sobre gênero, raça e violência**. Dissertação (Pós-Graduação em Literatura Comparada) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu, 2018.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Pássaro da Terra. *In*: LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Obras reunidas** (volume 3). São Paulo: Escrituras Editora, 2000, p. 9-80.

MAGALHÃES, Débora Lima. A Construção histórica do termo caboclo. Sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico. **Novos Cadernos**, NAEA, vol. 2, n. 2, dez. 1999.

MOURA, Carlos Eduardo Marcondes. **O Teatro que o povo cria**: cordão de pássaros, cordão de bichos, pássaros juninos do Pará – da dramaturgia ao espetáculo. Belém: Secult, 1997.

PLANO Municipal Decenal dos Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes de Abaetetuba (2015-2024). Abaetetuba: Tempo Editora, 2015.

SANTOS, Milton. **Territórios, territórios ensaios sobre o reordenamento territorial**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SARMENTO-PANTOJA, Carlos Augusto Nascimento. Literatura e arte de resistência. *In*: SARMENTO-PANTOJA, Carlos Augusto Nascimento; UMBACH, Rosani; SARMENTO-PANTOJA, Tânia Maria Pereira (orgs.). **Estudos de literatura e resistência**. Campinas-SP: Pontes, 2014, p. 11-31.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

STOPPINO, Mário. Autoritarismo. *In*: BOBBIO, Norberto et al. **Dicionário de política**. Brasília: Ed. UNB, 1998, p. 94-104.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

YAZBEK, Maria Carmelita. A Dimensão política do trabalho do assistente social. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 120, p. 677-693, out./dez. 2014.